

Curiosidades numéricas: Sexta-feira, 13



RICARDO CUNHA TEIXEIRA
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA DA UNIVERSIDADE
DOS AÇORES, RTEIXEIRA@UAC.PT

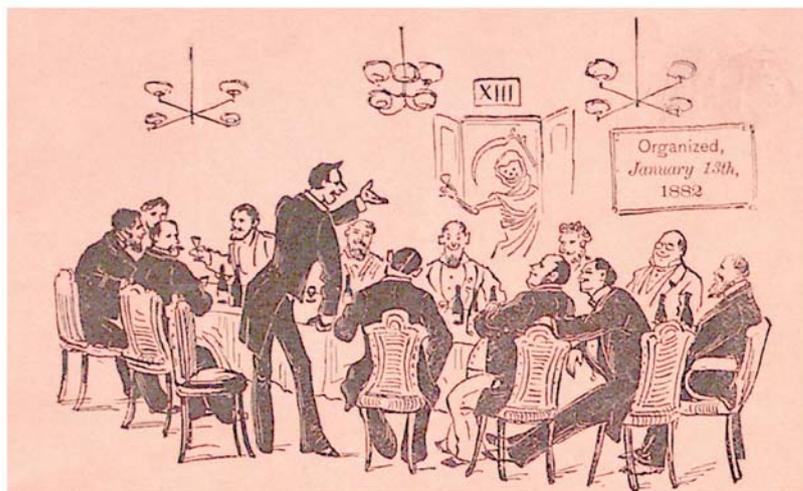
A passada sexta-feira foi uma sexta-feira 13. A este propósito, apresentamos algumas curiosidades relacionadas com o azarento número 13.

Nathaniel Lachenmeyer, na sequência de um estudo que incluiu a análise de numerosos documentos históricos, defende no seu livro "13" que as primeiras evidências sólidas da origem desta má conotação associada ao 13 remontam aos finais do século XVII, quando surgiu uma das superstições mais emblemáticas de todos os tempos: "Se 13 pessoas se sentarem a uma mesma mesa, uma delas morrerá no espaço de um ano!" Embora não haja consenso sobre o motivo que despoletou esta superstição, pensa-se que poderá estar relacionada com a Última Ceia: Jesus sentou-se com os 12 discípulos à mesa e no dia seguinte foi crucificado, depois de ter sido traído por Judas.

A partir de meados do século XIX, esta superstição entrou no imaginário coletivo ocidental, sobretudo americano, e eram difundidas regularmente histórias de indivíduos que se haviam sentado numa mesa com outras 12 pessoas e que haviam morrido tragicamente no espaço de um ano. Esta paranoia era alimentada pelos jornais da época, o que levou um grupo de nova-iorquinos a fundar um clube, "The Thirteen Club", com o objetivo de combater uma superstição que consideravam nefasta para a sociedade. No décimo terceiro dia de cada mês, os membros deste clube juntavam-se para jantar em mesas de 13 lugares. A ideia era provar que, ao fim de um ano, todos continuariam vivos. Foram-se associando a este clube muitas personalidades famosas da época. As salas onde decorriam os jantares eram decoradas a preceito com elementos que visavam desafiar a má sorte: guarda-chuvas abertos, espelhos partidos e silhuetas de gatos pretos. Apesar de todos os esforços desenvolvidos, a crença no fatalismo associado às mesas com 13 pessoas não se dissipou. Interessante é verificar que esta superstição ligada ao 13 só perdeu força perante outras que surgiram associadas ao mesmo número, em particular uma de que falaremos já de seguida.

Foram surgindo, entretanto, várias superstições que consolidaram o papel do 13 como número de azar. Essas crenças ditavam o azar a quem tivesse 13 moedas no bolso, a quem alugasse um quarto com o número 13, a quem visse no décimo terceiro andar de um prédio, etc. Mas foi no início do século XX que surgiram as primeiras evidências da superstição que derrubou todas as outras em termos de popularidade: a sexta-feira 13 considerada como um dia de extremo azar.

Curiosamente, aquele que se considera o responsável pela origem desta superstição foi membro do "The Thirteen Club". Trata-se de



Thomas W. Lawson, que publicou em 1907 o romance intitulado "Friday, the Thirteenth". O autor não tinha a intenção de despoletar tão fervorosa adesão a esta superstição, já que ele próprio não era supersticioso. No entanto, foi isso mesmo que aconteceu. Lawson teve o dom de juntar no seu romance duas superstições na moda na época: a crença de que 13 é um número de azar e a crença de que sexta-feira é um dia de azar (com origem provavelmente no facto de Jesus ter sido crucificado numa sexta-feira). Desde então, o receio associado à sexta-feira 13 cresceu exponencialmente, derrubando em popularidade todas as outras superstições associadas ao 13, incluindo a primeira de todas: a fatalidade das mesas com 13 pessoas!

Segundo Nathaniel Lachenmeyer, encontram-se com frequência outras explicações para a origem do mau agouro associado ao 13, a seu ver sem fundamento. Uma delas inspira-se na mitologia nórdica e está relacionada com a morte de Baldur durante um banquete onde estavam presentes 12 deuses, incluindo o invulnerável Baldur, e um décimo terceiro comensal: o assassino Loki, que tinha inveja por Baldur ser o favorito entre os deuses. Segundo o mesmo autor, outra explicação sem fundamento que pretende justificar a origem da superstição associada à sexta-feira 13 prende-se com o facto de a 13 de outubro de 1307, uma sexta-feira, a Ordem dos Templários ter sido declarada ilegal pelo rei Filipe IV de França, o que conduziu à prisão e ao extermínio de muitos membros dessa Ordem.

Não podemos também deixar de referir a série de filmes de terror intitulados precisamente "Sexta-feira, 13", que tem como figura principal Jason Voorhees, um implacável assassino em série. Curiosamente, o filme original, que data de 1980, era para se ter chamado "Long Night at Camp Blood". O seu título acabou por ser alterado de forma a seguir as pisadas do sucesso de 1978, "Halloween", que também se baseava num dia específico do calendário. Desde então, o filme conta com inúmeras sequelas, todas elas sangrentas. A última data de 2009. Estes filmes transformaram-se num ponto de referência para o culto associado ao número 13.

Na sua obra "Unpopular Essays", de 1950, o

conhecido matemático e filósofo Bertrand Russel refere que o ser humano é um animal crédulo que precisa acreditar em algo e que, na ausência de uma boa crença, ele fica satisfeito com a má. Na cultura ocidental, o 13 é um dos números com mais impacto no universo das superstições e das crenças populares. Há mesmo quem leve muito a sério a suposta influência negativa deste número e que, por isso mesmo, o evite a todo o custo.

Algumas companhias aéreas, como a Air France e a Lufthansa, ainda omitem a fila 13 nos seus aviões. Em algumas partes do mundo, é raro conseguir encontrar um Hotel que não tenha renumerado o seu décimo terceiro andar (substituindo o 13 pelo 14 ou por 12A). É o caso, por exemplo, de Nova Iorque. O curioso é que ainda antes dos prédios terem 13 andares, já se saltava do 12 para o 14 na numeração dos quartos. Mas há quem vá mais longe, recusando-se a pernoitar, por exemplo, num quarto 454, por entender que esse número está a camuflar o 13 (note-se que $4+5+4=13$). Stephen King, conhecido autor de contos de horror fantástico e de ficção, revelou que, quando está a ler um livro, nunca pára nas páginas 94, 193, 283 e em todas as outras em que a soma dos algarismos seja 13. Os jogadores de críquete da Austrália costumam chamar ao 87 "o número do diabo", já que $87=100-13$. Há também quem evite morar numa casa com o número 13 ou que não queira dar um nome ao seu filho com exatamente 13 letras.

Outro aspeto referido com frequência tem a ver com o facto do décimo terceiro Arcano Maior do Tarot ser a carta da morte, que pode estar relacionada com algum tipo de fatalismo, de desastre financeiro ou de separação dolorosa. Contudo, para os entendidos na matéria, a carta da morte não significa necessariamente uma mudança negativa, pois pode estar ligada a factos agradáveis, como o início de uma nova relação, um casamento ou um nascimento. Mas é quase sempre o fim de uma antiga forma de vida. O 13 também marca presença no baralho de cartas tradicional, pois este é composto por 4 naipes de 13 cartas cada.

Alguns acontecimentos históricos ajudaram a alimentar a fobia ao 13. Lançada no dia 11 de abril de 1970, às 13h13, a Apollo 13 consistiu na

terceira missão tripulada do Projeto Apollo com destino à Lua (note-se que, se adicionarmos os algarismos de 11/04/70, obtém-se 13). Devido a um acidente causado por uma explosão num dos módulos, não foi possível concluir a missão. Mesmo assim, os tripulantes conseguiram regressar com a nave à Terra, após seis dias no espaço.

A sexta-feira, 13 de outubro de 1972, foi um dia negro para a aviação civil: o voo 571 da Força Aérea Uruguaia caiu nos Andes (note-se que $5+7+1=13$). Dos passageiros que sobreviveram à queda, 8 foram mortos por uma avalanche que atingiu o local onde se encontravam. Ao todo, sobreviveram apenas 16 passageiros.

Na sexta-feira, 13 de outubro de 1989, o índice Dow Jones sofreu a segunda maior queda da época. Houve quem associasse essa queda ao facto de, nesse ano, existirem três sextas-feiras 13. Hoje, a queda que ficou conhecida como o "mini-crash da sexta-feira 13" não entra nem nas 10 maiores quedas da história.

O medo excessivo e irracional do número 13 tem um nome. Chama-se triscaidecafobia. Por sua vez, o medo específico da sexta-feira 13 é chamado de frigatriscaidecafobia. Em casos extremos destas fobias, recomenda-se um tratamento que passa por uma exposição gradual da pessoa ao objeto da fobia, como forma de reduzir a ansiedade. Por exemplo, uma pessoa que tenha medo dos andares número 13, é convidada a visitar um e a permanecer progressivamente mais tempo nesse andar.

Recentemente tem-se verificado que a fobia ao 13 está a perder terreno em favor de movimentos alimentados na Internet por crenças neopagãs que defendem precisamente o contrário: consideram que o 13 é um número benevolente, com poderes místicos. Existem mesmo empresas dedicadas ao fabrico de t-shirts e de todo o tipo de bijuteria que apelam ao fetiche pelo 13. Quem sabe se esta moda não pega e, num futuro próximo, todos nós estaremos a jantar em mesas com 13 lugares, para comemorar as sextas-feiras 13, com os talheres cruzados à nossa frente, com a sala decorada com espelhos partidos e guarda-chuvas abertos e com a oportunidade de espalhar à vontade sal sobre a mesa. A imaginação é o limite!

